A GUERRA DAS CHATAS*

A Marinha do Brasil na Guerra do Paraguai não foi só Riachuelo.

LUIZ EDMUNDO **BRÍGIDO** BITTENCOURT
Vice-Almirante (Refº)

SUMÁRIO

Introdução
Antecedentes
Concentração dos aliados
Combate de Corales
Batalha Naval do Riachuelo e sua consequência
A "Guerra das Chatas"
A chata artilhada paraguaia
Missão da Marinha Imperial
Marinha Imperial assume posição
Os duelos de artilharia
A morte de Mariz e Barros
Mais duelos de artilharia
A artilharia aliada de terra
Mais duelos de artilharia
Reconhecimento da "Ilha Pequena"
Mais duelos de artilharia

---

* N.A.: Este artigo baseia-se na magnífica obra *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, em cinco volumes, com mais de 1.870 páginas, de autoria do General de Divisão Augusto Tasso Fragoso, editada em 1934 pela Imprensa do Estado-Maior do Exército, e inclui inúmeras outras informações contidas na bibliografia. Preferi não fazer paráfrases e abusar das transcrições para obter mais autenticidade nos relatos.

É também parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a guerra, com o propósito de dar à massa da oficialidade uma visão geral, fácil de ser lida, ressaltando a participação da Marinha naqueles longos anos de beligerância, com a esperança de que os mais jovens se motivem para empreender novas pesquisas.

INTRODUÇÃO

Aos 15 meses da invasão da Argentina e do Brasil pelos soldados paraguaios, os aliados – Argentina, Brasil e Uruguai –, após levarem o inimigo a retornar às suas fronteiras, estão prontos para dar o troco.

Este artigo pretende ressaltar a participação da Marinha Imperial brasileira em algumas das ações preparatórias para o assalto ao país inimigo no início da guerra.

ANTECEDENTES

Em **fins de dezembro de 1864**, tropas paraguaias invadiram o sul de Mato Grosso, conquistando Corumbá a **4 de janeiro de 1865**. De lá retirar-se-ão, voluntariamente, no início de junho de 1868.

Em **janeiro de 1865**, em verdadeira *blitzkrieg*, conquistaram Corrientes, na Argentina, e Uruguaiana, no Brasil, esta em **5 de agosto de 1865**.

A reação aliada priorizou Uruguaiana, que foi libertada em **18 de setembro**, quando mais de 5 mil paraguaios caíram prisioneiros sem que houvesse necessidade de ser dado um só tiro, graças ao sítio imposto pelos aliados. Um mês antes, a **17 de agosto**, os aliados derrotaram os paraguaios da margem direita do Rio Uruguai, em frente a Uruguaiana, no **Combate de Iataí**, quando 1.700 inimigos foram mortos e 1.200 feitos prisioneiros.

Como consequência e por ordem de López, os paraguaios retiraram-se dos territórios ocupados na Argentina e no sul do Brasil, atravessaram de volta o Rio Paraná e prepararam-se para resistir à inevitável invasão aliada.

CONCENTRAÇÃO DOS ALIADOS

Combate de Corales

Após a libertação de Uruguaiana, o grosso das tropas envolvidas e outras recém-formadas (exércitos de Porto Alegre, de Canabarro/Cadwell, de Osório, de Paunero, de Gelly y Obes – os dois últimos argentinos – e de Flores – uruguaio) dirigiram-se para a área de Corrientes/Corales, onde, entre dezembro de 1865 e abril de 1866, prepararam-se para a invasão do Paraguai.

Eram 38 mil brasileiros, 25 mil argentinos e 2.900 uruguaios, além de outros 16 mil brasileiros espalhados na área como reserva e para a defesa do território do Brasil.

Os futuros invasores tinham, então, à sua disposição, 150 canoas, 30 pranchas flutuantes e 30 transportes a vapor com uma capacidade total de transportar 15 mil homens.[1] (Thompson)

Nesse período, a margem esquerda do Rio Paraná, da foz do Rio Paraguai até Itati, estava ocupada pelos aliados, mas fracamente defendida. Isso ensejou aos paraguaios fustigar os aliados em inúmeras ocasiões e de diversas maneiras: incursões de nove a 40 canoas com um total de cem a 1.500 homens em cada incursão, ou aquela em que 3 mil soldados transportados por dois vapores desembarcaram, pilharam e retiraram-se.

A incursão de **31 de janeiro de 1866** deu lugar ao **Combate de Corales**, com a participação de 1.100 paraguaios que lá desembarcaram, puseram em fuga os argentinos e depois se retiraram tranquilamente. As baixas foram de 700 paraguaios e de 400 argentinos.

BATALHA NAVAL DO RIACHUELO E SUA CONSEQUÊNCIA

Recordemos um pouco.

A **11 de junho de 1865**, nas águas do Rio Paraná, junto à foz do Arroio Riachuelo, bem próximo a Corrientes (em mãos paraguaias), a Marinha Imperial obteve histórica vitória sobre os paraguaios naquela batalha naval.

A vitória brasileira, liderada por Barroso, varreu das vias fluviais de Corrientes

para baixo a Marinha paraguaia, que, na realidade, desde então, deixou de existir. O país perdeu a ligação para o mundo.

Entretanto, o inimigo é corajoso, bravo e engenhoso: não dispondo de navios, "inventou" a **chata artilhada**, que se mostrou um poderoso inimigo dos navios da Marinha Imperial.

Foi contra esse adversário que a Marinha Imperial teve de lutar enquanto se preparava para invadir o Paraguai. Essa luta denominei de "Guerra das Chatas", que será tratada neste artigo.

A GUERRA DAS CHATAS

Enquanto as tropas aliadas se adestravam, os chefes pensavam no local do desembarque, que, na opinião de Mitre, com a concordância dos demais, deveria ser na área de Itapiru ou, no máximo, mais para montante do Rio Paraná até em frente a Itati. Qualquer que fosse o local escolhido, haveriam de ser executadas, previamente, as operações clássicas de levantamento hidrográfico, reconhecimento das praias e amaciamento das defesas inimigas, além do bloqueio à navegação oponente. E tudo isso foi feito.

Resumidamente, a chata era um canhão de grosso calibre capaz de ferir fundo e difícil de ser avistado e muito mais de ser destruído

Os paraguaios, para a sua defesa, fortaleceram o Forte de Itapiru com mais canhões, dispuseram de artilharia móvel – uma poderosa arma contra os navios que se aproximassem da margem – e das incríveis **chatas artilhadas** (ou "monitores liliputienses", como eles as denominavam).[2] (ABC)

Mais uma vez, o leitor irá perguntar-se por que uma mera chata poderá ser considerada uma "poderosa arma" contra encouraçados.

A chata artilhada paraguaia

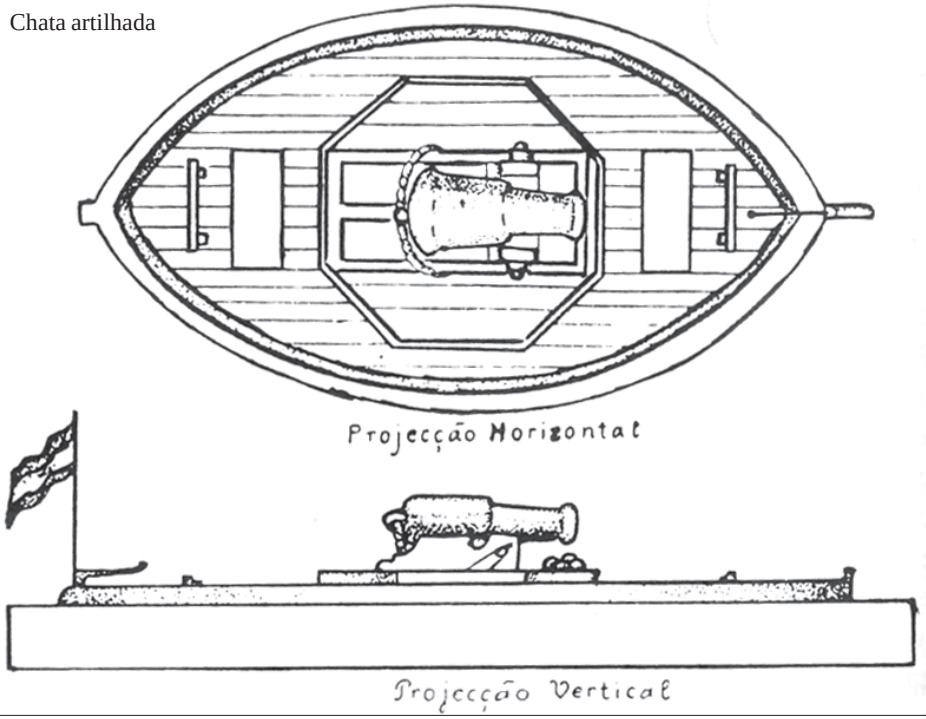
Vejamos a descrição de uma chata nas palavras do Barão de Tefé[3]: "A chata é um grande e possante batelão de fundo chato, tendo convés a proa e a ré e uma abertura no meio, como um poço de dois metros de profundidade; nesse fundo assenta um trilho circular sobre o qual gira a carreta do enorme canhão cuja boca (estando o eixo da alma horizontal) fica pouco mais de um palmo acima do rio e, às vezes, a bajular a água. As pontarias podem ser em elevação e em todas as direções do horizonte. Assim carregadas, as embarcações estavam quase submersas, e no poço do rodízio se abrigava a guarnição, que se comunicava com os paióis de munição sem se expor. Só uma bomba atirada por elevação ou o ricochete casual de uma bala podiam inutilizar alvo tão difícil de atingir, ao passo que seus artilheiros, tranquilamente, girando a carreta não deviam errar um tiro." (Os grifos são meus.)

Do livro *A Batalha do Riachuelo*[4], de autoria do Chefe de Divisão Joaquim Inácio, podemos adicionar alguns detalhes: "... eram da mais sólida construção... mediam 16,50 metros de quilha, 4,60 de boca e 0,80 de pontal... o convés quase ao lume d'água, sem borda... de tiro de grosso canhão... tudo impossibilitava outro motor que não fosse o reboque... a guarnição regulava por 30 praças".

Resumidamente, a chata era um canhão de grosso calibre capaz de ferir fundo e difícil de ser avistado e muito mais de ser destruído.*

* Para outros detalhes, ver artigos de Alvanir B. de Carvalho na *RMB* 4º trim./1995, p. 111 a 114.

Chata artilhada

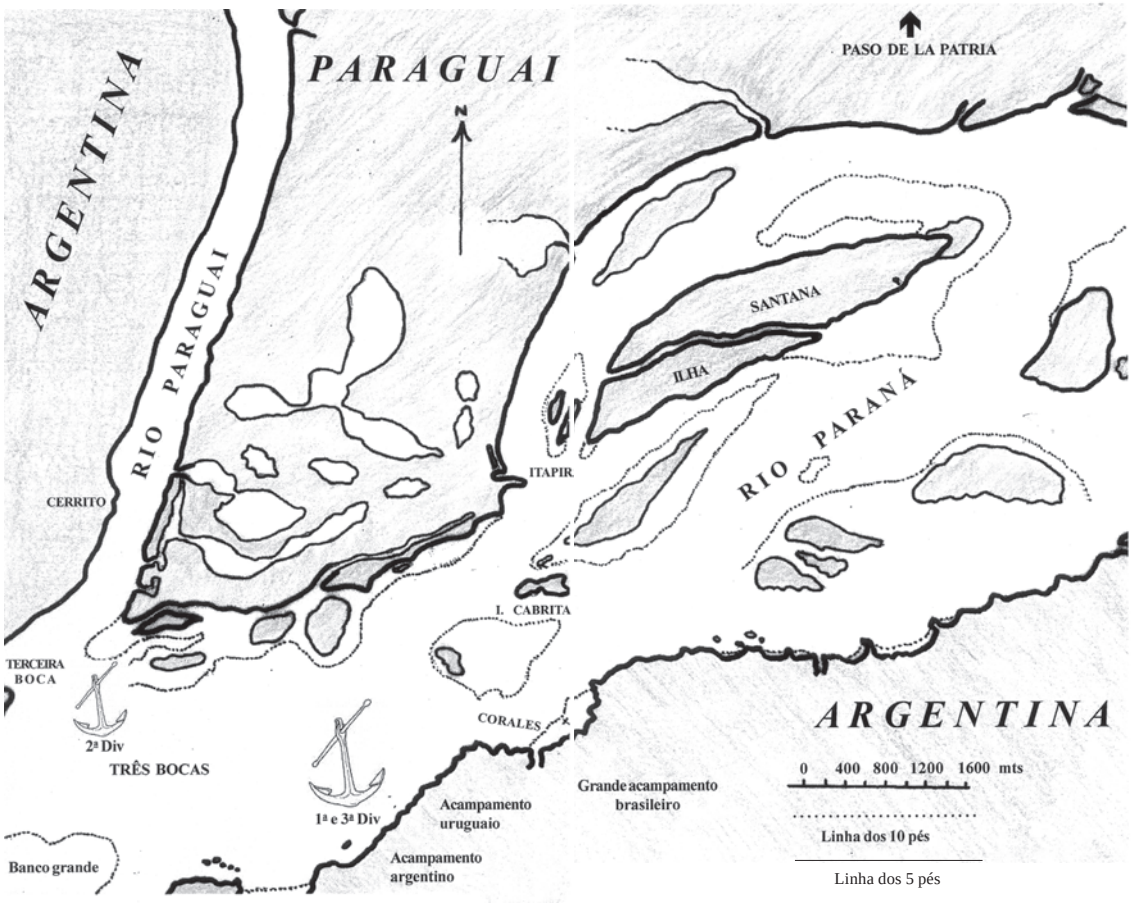


Missão da Marinha Imperial

Na primeira conferência que reuniu os grandes chefes (Mitre, Tamandaré, Flores e Osório), ocorrida em Corrientes, já reocupada pelos aliados, a **25 de fevereiro de 1866**, ficou decidido que, além do bloqueio e outras tarefas, a Esquadra Imperial bateria as fortalezas de Itapiru e de Paso de la Patria e faria o levantamento hidrográfico da margem direita do Rio Paraná até a altura de Itati...

A Marinha Imperial assume posição

No dia 20 de março de 1866, uma formidável esquadra suspendeu de Corrientes e assumiu suas posições na confluência dos Rios Paraguai e Paraná – Três Bocas: a **2ª Divisão** (Chefe José Maria Rodrigues), constituída do Encouraçado *Barroso*, seguido na coluna das canhoneiras *Magé*, *Ivaí*, *Mearim*, *Araguari e Iguatemi*, atravessava a foz do Rio Paraguai, bloqueando-a; as **1ª Divisão** (Capitão de Mar e Guerra Elisiário Antônio dos Santos) e **3ª Divisão** (Chefe Francisco Cordeiro Torres e Alvim) com seus navios (a partir do montante) Transporte *Apa* (navio do Almirante), encouraçados *Brasil* e *Bahia*, canhoneiras *Parnaíba*, *Beberibe* e *Greenhalgh*, o Aviso *Chuí* e as canhoneiras *Ipiranga* e *Itajaí* postaram-se próximos à margem esquerda do Rio Paraná, na altura



dos acampamentos das tropas argentinas e uruguaias – Corales; mais junto à margem ficavam os avisos *Lindoia* e *Onze de Junho* e o Transporte *Iguassu*.

Nesse trecho, o Rio Paraná tem 2 mil metros de largura, mas está cheio de ilhas e bancos de areia de 5 a 10 pés de profundidade.

Além desses navios, encontravam-se na área os encouraçados *Barroso* e *Tamandaré*, as canhoneiras *Beberibe* e ***Henrique Martins***[*], dois avisos e três transportes. Permaneciam em Corrientes a Fragata *Amazonas* (devido ao seu grande calado para o rio), a Canhoneira *Maracanã* e o Vapor *Igurei*, além de sete transportes fretados[**]

Ao todo, 125 canhões![6] (Thompson)

Os duelos de artilharia

Os duelos de artilharia entre os navios e as chatas, o forte e as baterias volantes eram muitos frequentes.

Thompson[7], sempre pronto a diminuir os feitos aliados, declara que Itapiru, na época, não poderia ser considerada uma "fortaleza", tal a sua precariedade bélica: "Itapiru, que os aliados honravam com o nome de fortaleza e que achavam que deveria ser destruída até a base antes de passar o rio, era uma antiga bateria construída no início do reinado de López I, em uma ponta de terra que entrava no Rio Paraná e que tinha por base um montículo de rochas vulcânicas. A terra era revestida por uma parede de ladrilhos que havia caído em um de seus lados. Seu armamento consistia em uma peça raiada de 12. Media 30 pés na sua parte mais larga e sua altitude sobre o nível da água do rio era de 20 pés.

Se estivesse armada de artilharia pesada de grosso calibre, talvez tivesse sido útil; mas, no estado que estava, só servia de espantalho aos aliados."

Mais adiante, quando tratou da ocupação da Ilha Pequena (Cabrita), o mesmo Thompson[8] informa: "No dia seguinte à ocupação pelos brasileiros, López fez instalar em Itapiru um canhão de oito polegadas e em seguida outro, alguns dias depois".

Talvez por essa razão o largo emprego das chatas artilhadas lá estacionadas.

O leitor deverá estar avisado de que, como as águas da área não eram conhecidas dos aliados, encalhes eram bastante frequentes e, em vários, aqueles navios ficavam ao alcance da artilharia inimiga; bem como os chefes aliados compareceram, pessoalmente, em alguns esclarecimentos.

Vejamos alguns exemplos para podermos ter uma ideia de como era o dia a dia das tripulações dos navios da Marinha Imperial lá operando, uma movimentação intensa e permanente, não importando se de dia ou de madrugada, se em dia últil, sábado, domingo, feriado ou dia santificado, e que exigia competência profissional, dedicação, espírito de sacrifício e, acima de tudo, muita coragem.

No dia **18 de março de 1866**, um domingo, o Chefe Alvim, a bordo do *Tamandaré*, fez um reconhecimento até o Paso de la Patria, desafiando os canhões de Itapiru ao passar a meia milha do inimigo. Não houve troca de tiros.

---

[*] .N.A.: Chamamos a atenção do leitor para a participação quase permanente da Canhoneira ***Henrique Martins***, sob o comando do **Primeiro-Tenente Jerônimo Gonçalves**, nas ações ocorridas na área. Seu comandante terá participação notável e controvertida nos primeiros dias da República.

[**] N.A.: Rio Branco[5] informa: "Os argentinos tinham em Corrientes os pequenos vapores *Guardia Nacional*, *Chacabuco*, *Buenos Aires*, *Pavón* e *Libertad*, às ordens do Coronel-Major Chefe de Divisão Muratori. O Almirante Tamandaré não se utilizou desses navios porque não podiam servir para combate. Só foram empregados três vezes... Depois da passagem do Rio Paraná pelos aliados, retiraram-se esses navios".

No **dia 21**, partiu uma expedição composta do *Tamandaré*, da *Araguari* e da ***Henrique Martins***, tendo a bordo do primeiro o Chefe Alvim além de Silveira da Mota (secretário de Tamandaré, comandante de navio e futuro Barão de Jaceguai). Na passagem de ida avistaram duas chatas artilhadas ao abrigo de Itapiru, que atacou os navios sem resultado. Na volta, de madrugada, a *Araguari* encalhou em uma pedra e foi alvo de fogo do forte e das duas chatas que lá estavam. Não houve acertos.

Às 9 horas **de 22**, seguiu a *Mearim* com Mota e o Vapor *Voluntário* para socorrer a *Araguari*, operação coroada de êxito. Novos tiros de Itapiru, felizmente sem acerto.

Ainda no **dia 22**, o *Barroso*, testa da coluna responsável pelo bloqueio da foz do Rio Paraguai, foi alvo da artilharia móvel inimiga posicionada na margem paraguaia das Três Bocas. Não houve danos nem resposta.

No **dia 23**, Tamandaré transferiu-se para o Vapor *Cisne*, onde se encontrou com Mitre, Flores e Osório[*]; presentes os estados-maiores dos dois maiores chefes.

Às 11h50 suspenderam e seguiram em coluna Rio Paraná acima a ***Henrique Martins***, o *Tamandaré*, a *Mearim*, o *Voluntário* e o *Cisne*. Ao passarem por Itapiru, onde contaram oito peças de artilharia, foram alvo de vários tiros, inclusive das chatas lá abrigadas, que não obtiveram acerto. Mais tarde, os navios foram alvo de uma chata artilhada que se apresentou rebocada por um vapor, mas desta vez houve resposta brasileira.

Na volta, pela madrugada (do **dia 24**), o *Voluntário* encalhou em uma pedra; o *Tamandaré*, ao manobrar para socorrer o companheiro em dificuldade, também encalhou. Curiosamente, o *Voluntário* conseguiu safar-se com os próprios meios, permanecendo preso o *Tamandaré*.

Pela manhã do **dia 24**, seguiram a *Beberibe*, a *Mearim* e a ***Henrique Martins*** para desencalhar o *Tamandaré*. Às 10 horas, o forte abriu fogo contra os navios que não foram atingidos. Às 11 horas, o *Tamandaré* estava livre.

Ainda no **dia 24**, sábado, novo reconhecimento, mesmo duelo de artilharia, só que desta vez o *Brasil* foi atingido.

Às 14h50, aparece junto ao Forte Itapiru um vapor rebocando uma chata artilhada que, colocada em "posição conveniente, principiou a atirar em direção ao *Apa* [navio-almirante]... Todos os navios iniciam a atirar e a chata e o vapor fugiram... Foram boas as direções [de nossos navios] e supõe-se que uma bomba arrebentou na chata e outra na popa do vapor... Fez-se às 15 horas o sinal 45 (cessar-fogo) logo que desapareceu o vapor".[10] (Rocha)

No **dia 25**, domingo santificado da Anunciação, no início da tarde, uma chata paraguaia foi posicionada convenientemente e abriu fogo contra o *Apa*. Obteve um acerto que "atravessou a proa, foi ao paiol da bolacha e depois à dispensa da praça-d'armas, onde fez estragos".[11] (Rocha)

Imediatamente, partiram o *Tamandaré* (com Chefe Alvim a bordo) e a ***Henrique Martins*** para combater a chata. Seguiram os escaleres do *Bahia* e do *Brasil* com gente armada para capturá-la. "Pouco depois, partiu o *Lindoia*, com o secretário Mota e o prático Etchbarne, com instruções para tomar a chata, o que não puderam fazer (apesar de ter ido um escaler bem perto), por ter de terra cerca de mil homens feito vivo fogo e atirado muitos foguetes... Segunda tentativa foi feita para tomar a chata e sem resultado, porque de terra a infantaria fez vivíssimo fogo. Cessado o fogo do forte, continuou o *Tamandaré* a atirar para a chata até 21h30."[12] (Rocha)

---

[*] N.A.: Carneiro da Rocha[9] relata apenas Tamandaré e Mitre.

Para ilustrar a dificuldade do historiador em retirar "uma verdade" de suas fontes, transcreve-se, a seguir, o mesmo episódio, relatado por Fragoso[13]: "O *Tamandaré* e a ***Henrique Martins*** aproximaram-se... sondando cautelosamente o rio, e atacaram-na [a uma distância de 110 metros[14] (Thompson)]. A guarnição abandonou-a para salvar-se. Os navios brasileiros mandaram, então, três escaleres bem guarnecidos para rebocá-la, mas a fuzilaria vinda do mato do rio não permitiu a operação [A fuzilaria matou quase metade das tripulações dos escaleres[15]. (Thompson)]. Ao anoitecer, o **Primeiro-Tenente Antônio Carlos de Mariz e Barros** [comandante do *Tamandaré*, filho de Inhaúma] fez nova tentativa de reboque, com o mesmo resultado desfavorável."

No **dia 26**, às 11 horas, "reunido no *Apa* o conselho, composto por comandantes das divisões e dos navios que ontem atiraram, leu o Almirante as partes de cada um, constantes dos tiros feitos e fez diversas reflexões... Ao meio-dia principiou a já conhecida chata a vir para fora e às 13h30 começou o fogo contra o *Apa*, sobre o qual atiraram oito a dez tiros, três dos quais foram aproveitados: um na caixa da roda, outro acima do lume d'água e outro tangenciando a caixa da roda; o da caixa da roda foi à dispensa e cozinha e parou junto da caldeira; o segundo feriu o imperial marinheiro"[16]. (C. da Rocha) "O *Tamandaré*, o *Bahia* e o *Barroso* acometem a chata. Recebem dela alguns tiros, mas forçam os inimigos a desguarnecê-la e, por fim, fazem-na pedaços."[17] (Fragoso) Os navios acertaram o paiol de munição da chata.[18] (Thompson)

No **dia 27**, às 7 horas, suspendeu a ***Henrique Martins*** com os vapores argentinos *Chacabuco* e *Buenos Aires*, tendo a bordo o General Flores e o secretário Mota, para fazerem um reconhecimento para a escolha do local do próximo desembarque aliado, da margem direita do Rio Paraná até o Passo de Itati. Na passagem de volta sofreram alguns tiros da chata e do forte.

A morte de Mariz e Barros

Neste mesmo dia, às 11h30, um vapor posicionou convenientemente uma chata que logo começou a atirar; "estava tão bem oculta por uma ponta de pedra que apenas se percebia de longe a boca da peça"[19]. (Fragoso) Um de seus tiros atingiu a proa do *Apa*. "O *Bahia* e o *Tamandaré* aproximaram-se para combatê-la, mas não era fácil alcançar objetivo tão bem organizado e em tão vantajosa situação. À vista disso, os dois navios brasileiros atiraram-se contra o forte [que, juntamente com a artilharia móvel, respondeu ao fogo]. Infelizmente, duas balas deste penetraram na casamata do *Tamandaré*, causando ferimentos em 14 homens e a morte de 14 praças e cinco oficiais, entre eles seu corajoso comandante, **Primeiro-Tenente Mariz e Barros**. Entre os feridos incluía-se o Tenente De Lamare.

Duas balas do forte penetraram na casamata do *Tamandaré*, causando ferimentos em 14 homens e a morte de 14 praças e cinco oficiais, entre eles seu corajoso comandante, Primeiro-Tenente Mariz e Barros

Ficou assinalada a sua coragem e serenidade durante a cirurgia a que o submeteram para lhe amputar uma das pernas: [**Mariz e Barros**] não quis que o cloroformizassem;

pediu um charuto e fumou-o enquanto os médicos procediam à triste e dolorosa operação."[20] (Fragoso)

No diário de Carneiro da Rocha[21] consta que nesse dia "Chefe Alvim foi ferido nas costas".

Mais duelos de artilharia

No **dia 28**, ao amanhecer, a peça de 68 de uma chata que se colocara abaixo de outra que já tinha sido destruída abriu fogo; alguns de seus tiros acertaram três navios da Esquadra. Recebeu de volta os tiros do *Barroso*, do *Bahia* e da *Belmonte*. "O Encouraçado *Barroso* foi atingido e avariado em quatro locais diferentes, assim como quase todos os outros. O canhão de 120 do *Barroso* partiu-se em dois. Entretanto, desta vez o canhão paraguaio recebeu uma bala que o fez em pedaços..."[22] (Thompson)

Em seguida, o *Brasil* "principiou a atirar. A chata não cessou o fogo e quase todas as balas vieram sobre o costado, fazendo-se em pedaços. Uma das balas passou entre as pernas do prático Etchbarne[*], que estava em cima da casamata, uma outra atravessou o canudo, vazou a trincheira e feriu mortalmente o guardião de um imperial e atirou longe o boné e os óculos do Tenente Veiga. Uma carga de balas e metralhas do *Brasil*, indo sobre a chata, estragou-a ao meio, ficando os cabeços de fora e feridos dois homens... Às 11h30, foi o *Tamandaré*... aproximar-se dos encouraçados e acabou de destruir a chata"[23] (Rocha)

A artilharia aliada de terra

Para auxiliar a Esquadra no combate contra as chatas e contra o Forte Itapiru, o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho teve a ideia – logo aceita por Osório – de artilhar a margem esquerda do Rio Paraná em frente ao forte inimigo. Assim, no **dia 28**, já se tinha instalada em Corales uma bateria brasileira, e a **2 de abril**, outra uruguaia, com canhões cujos projetis atravessavam o rio e atingiam o forte sem que os canhões inimigos pudessem alcançá-las.

Mais duelos de artilharia

No **dia 29**, ao meio-dia, "a ***Henrique Martins*** e a *Belmonte* suspenderam e seguiram Rio Paraná acima para sondarem o canal... Fez a *Belmonte* alguns tiros com bomba para o forte, que foram bem aproveitados"[24]. (Rocha)

Às 21 horas, o pequeno Vapor *Fidelis*, com cem praças em canoas, escoltado pela ***Henrique Martins***, suspendeu para fazer um reconhecimento na Ilha Santana.[25] (Rocha)

Às 23h30, "ouviu-se tiros do lado da boca do Paraguai... depois tiros de fuzil de terra e do mar... Foi o Chefe do Estado-Maior [Almirante Barroso] no *Lindoia* saber o ocorrido; regressou com uma chata [artilhada paraguaia] a reboque, que, guarnecida por sete homens, vinha a sirga[**] para cima. [Fazia uma bela noite de luar com grande luminosidade[26]. (Thompson)] A guarnição fugiu, deixando o armamento... e alguns cartuchos... O *Brasil* suspendeu e tomou posição para ofender a chata, caso se escapasse da Boca". No dia seguinte, logo pela manhã, "foi o Almirante [Tamandaré] à chata que se tomou"[27]. (Rocha)

★

"A decisão de atravessar o Paraná em Itapiru acarreava a necessidade do ataque prévio ao forte... e do domínio pelo fogo de

[*] N.A.: Veja em "A Guerra das Canoas", na *RMB* do 1º trim/2008, p. 110, outra participação do prático.
[**] Sirga – Corda com que se puxa uma embarcação ao longo da margem (*Novo Dicionário Aurélio*).

artilharia do setor de desembarque... Ora isso seria perfeitamente exequível sempre que se ocupasse a Ilha Pequena (Cabrita), ao sul do Forte."[28] (Fragoso)

Reconhecimento da "Ilha Pequena"

No **dia 30**, Sexta-Feira da Paixão, à 0h30, o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho (o mesmo da ideia das baterias em Corales), com um destacamento de cinco oficiais e 90 praças, embarcou na ***Henrique Martins*** e rumou para a Ilha Pequena (Cabrita), onde desembarcou, "reconheceu-a em toda a sua extensão e escolheu as posições para a artilharia e para as trincheiras. Regressou às 2 da madrugada na mesma canhoneira, trazendo as quatro canoas que levara [que transportaram as praças]"[29]. (Fragoso)

Ao romper deste mesmo dia, o *Brasil*, ao suspender, encalhou sobre o banco. A *Belmonte* prestou socorro e safou o companheiro às 16h30.[30] (Rocha)

Mais duelos de artilharia

No dia **2 de abril**, às 14 horas, "colocada a chata por detrás da ponta das pedras, fez o primeiro tiro para o acampamento. Às 14h30 suspendeu o *Bahia* com o Chefe Alvim [a bordo] e foi para cima tomar posição para fazer fogo na chata... às 15h30 cessou o fogo da chata..."[31] (Rocha) Ela obteve um acerto no Vapor *Duque de Saxe*[32]. (Fragoso)

"A chata que ontem nos incomodou não foi vista hoje na Ponta do Itapiru, e sim para dentro da enseada... O calor tem sido insuportável nestes últimos dias [92º F]..."[33] (Rocha)

No **dia 3**, às 16 horas, tomou-se conhecimento de ter sido "encontrada água para navios de 12 pés no canal de cima, entre a Ilha Grande[N.A.1] e a costa firme paraguaia. Esta experiência foi feita a bordo da ***Henrique Martins***, que chegou à distância de tiro de peça de calibre 30 do acampamento [paraguaio]. Nessa expedição foi visto o vapor paraguaio[N.A.2], que "apertou o gorro" [fugiu] quando viu a nossa canhoneira."[34] (Rocha)

Essa descoberta foi importante, pois que maiores navios, em posição bastante favorável, passaram a poder bombardear Paso de la Patria em apoio às tropas aliadas após a invasão, na sua progressão para a conquista daquela admirável fortaleza, como de fato foi.

Thompson[35] nos informa que "o Rio Paraná era profundo por todas as partes, exceto em um lugar em frente à Ilha Carayá [Santana] situado no Canal Norte, onde só havia 12 pés d'água; López fez afundar duas canoas cheias de pedra para cortar a entrada do canal interior. Neste canal havia duas chatas armadas cada uma com um canhão de 8 polegadas e também o Vapor *Gualegay*... armado com dois canhões de 12...".

Às 17 horas, "fez a bateria do Exército um tiro certeiro na chata, destruindo-a..."[36] (Rocha)

Ao romper do **dia 4**, "viu-se que a segunda chata que havia sido destruída tinha sido levada para a Ponta de Itapiru [para reparos]... Foi a *Mearim* até quase a Ponta, fez-lhe alguns tiros e voltou por ter levado dois tiros do Forte, tendo sido um na carvoeira".[37] (Rocha)

No início da tarde, "começou o *Tamandaré* a fazer tiros para a chata". (Rocha)

"Deu-se ordem para a *Belmonte* e o *Brasil* fazerem rondas de escaleres e à *Itajaí* e à *Greenhalgh* para ficarem de prontidão.

À tarde, melhorou muito o tempo conservando-se frio."[38] (Rocha)

N.A.1: quase certo Santana.

N.A.2: provavelmente o *Gualegay*.

No **dia 5**, embora tudo levasse a crer que Mitre e seus chefes estavam cientes de que o desembarque das tropas para a invasão seria na área de Itapiru, parece que Mitre não estava tão seguro assim, pois expediu ordem para o General Hornos, com um pequeno destacamento, explorar, de novo, o setor de Itati (quatro companhias de infantaria, duas peças de artilharia e um regimento de cavalaria).

Às 7 horas daquele dia, suspenderam a *Itajaí*, a ***Henrique Martins*** e a *Greenhalgh*, juntamente com os pequenos *Chacabuco* e *Buenos Aires*, sob o comando do Chefe Alvim, e subiram o Paraná até Passo Lengues, que se situa ao dobro de distância de Itati a Itapiru, sendo ela a travessia mais estreita do Alto Paraná.

Em exploração anterior, Hornos já havia informado que "a margem paraguaia em frente a Itati não se prestava a um desembarque"[39]. (Fragoso)

Hornos desembarcou em Lenguas, provocando a fuga da guarda de cavalaria que o vigiava e examinou-lhe os arredores. "Toda a costa inimiga são banhados e malezais intransitáveis; as guardas comunicam-se mediante picadas estreitas abertas em grande trecho nos carriçais até chegar-se a terra firme.[40] (Palleja) Consequentemente, também impróprio para o desembarque.

Na volta, a expedição "foi hostilizada por uma bateria volante de seis peças que López mandara colocar perto do extremo nordeste da Ilha de Santana logo que teve conhecimento da subida do general argentino".[41] (Fragoso)

Na noite de **5 para 6 de abril**, os brasileiros desembarcaram na Ilha Pequena (Cabrita) e a ocuparam. O assunto foi tratado no artigo "A *Henrique Martins* na defesa da Ilha Cabrita", na *RMB* do 2º trimestre de 2008, pág. 67 a 80.

A Ilha Pequena passou a ser denominada Ilha do Cabrita, ou simplesmente Ilha Cabrita, em homenagem ao **Tenente-Coronel Willagran Cabrita** (patrono da Engenharia do Exército), que, com a sua competência, sua liderança e seu heroísmo (e a participação da Marinha Imperial), soube conquistar e depois defender a posição do esforço paraguaio em retornar à ilha. Foi uma vitória brasileira contundente.

Quando a luta terminou, enquanto fazia uma refeição, foi atingido por uma bala da artilharia de Itapiru e veio a falecer.

Com a posse da ilha, agora Ilha Cabrita, terminou, praticamente, a "Guerra das Chatas" e foi iniciado um prolongado duelo de artilharia das baterias da ilha (e dos navios também) na tentativa de silenciar Itapiru e possibilitar o desembarque das tropas aliadas naquela área.

Mas a realidade foi bem diferente, como já vimos no artigo "A Marinha Imperial no Dia D da Guerra do Paraguai", na *RMB* do 3º trim./2008, p. 44 a 53.

🗁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRAS> / Guerra do Paraguai / ; Guerra das Chatas; Mariz e Barros, Antônio Carlos de, 1º T; *Henrique Martins* (canhoneira); Gonçalves, Jerônimo Francisco, 1º T; Cabrita, Vilagran, T.C.;

NOTAS

1. THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*. Assunción, Paraguay: Pabellón "Serafina Dávalos", 2003, p. 99.
2. RUBIAN, Jorge. *La Guerra de la Triplice Alianza*, Mercurio S.A. e ABC Color, Assunción, Paraguay, 2001 (?), p. 523.
3. BARÃO DE TEFÉ, citado em Fragoso, v. II, p. 70.
4. FONSECA, Joaquim Inácio da, citado em Fragoso, v. II, p. 71.
5. RIO BRANCO, citado em Fragoso, v. II, p. 306.
6. THOMPSON, Ib., p. 96.
7. Ib., p. 96.
8. Ib., p. 99.
9. ROCHA, Manuel Carneiro da. *Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, Brasil, 1999, p. 60.
10. Ib, p. 61.
11. Ib., p. 62.
12. Ib.
13. FRAGOSO, Augusto Tasso (General-de-Divisão). *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Imprensa do Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, Brasil, 1934, v. II, p. 312.
14. THOMPSON, Ib., p. 96.
15. Ib.
16. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 63.
17. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 312.
18. THOMPSON, Ib., p. 96.
19. FRAGOSO, ib., v. II, p. 313.
20. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 314.
21. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 64.
22. THOMPSON, Ib., p. 97.
23. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 65.
24. Ib., p. 66.
25. Ib.
26. THOMPSON, Ib., p. 97.
27. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 66 e 67.
28. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 316.
29. Ib.
30. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 67.
31. Ib., p. 70.
32. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 316.
33. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 71.
34. Ib.
35. THOMPSON, Ib., p. 96.
36. ROCHA, Carneiro da, Ib., p. 71.
37. Ib., p. 72
38. Ib.
39. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 317.
40. PALLEJA citado em FRAGOSO, Ib., v. II, p. 317.
41. FRAGOSO, Ib., v. II, p. 317.

BIBLIOGRAFIA

1. FONSECA, Joaquim Inácio da (Chefe-de-Divisão). *A Batalha do Riachuelo* [s.n.t.] citado em Fragoso, *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*.
2. FRAGOSO, Augusto Tasso (General-de-Divisão). *História da guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*, Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934 (5 volumes, com 1.873 páginas).
3. ROCHA, Manuel Carneiro. *Diário da Campanha Naval do Paraguai – 1866*. Serviço de Documentação da Marinha, Rio de Janeiro, Brasil, 1999.
4. RUBIANI, Jorge. *La Guerra de la Triplice Alianza*, Assunción, Paraguay: Mercurio S.A. e ABC Color [2001?].
5. THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*, Assunción, Paraguay: Pabellón "Serafina Dávalos", 2003.

BIBLIOGRAFIA SUPLEMENTAR

1. BARRAN, José Pedro. *Historia uruguaya* (Tomo IV – Apogeu y crisis del Uruguay pastoril y caudilhesco), Montevidéu, Uruguai: Ed. Banda Oriental da Republica, 1998 (155 páginas).
2. BENITEZ, Luiz G. (Professor). *Manual de Historia del Paraguay*, Assunción, Paraguay, s/data (200 páginas).
3. CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s/data (224 páginas).
4. H.P.C. "Passagem de Humaitá". *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, p. 1.553 a 1.565.
5. MARCO, Miguel Angelo de. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1995 e 2003 (350 páginas).
6. SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Governo da República do Paraguay* (3º volume, 1º fascículo), Rio de Janeiro. Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1924 (418 páginas).
7. VINHAES, Augusto. "Passagem de Humaitá". *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1928, p. 1.157 a 1.165.
8. TAVARES, Raul (Capitão-de-Fragata). "A Passagem de Humaitá". *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano XLVI, nº 7 e 8, p. 633-695.
9. A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1908, p. 1.293-1.298 (Editorial).
10. A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1921, p. 669-673 (Editorial).